



**Manuel Correia de Andrade<sup>2</sup>**  
Universidade Federal de Pernambuco

### 1 GEOGRAFIA E UTOPIA

O desenvolvimento tecnológico e a aceleração da exploração dos recursos naturais pelo sistema capitalista exacerbado, lançaram o mundo diante de duas realidades: a destruição e degradação da natureza e a otimização do processo de concentração das riquezas, tanto a nível geográfico como a nível econômico.

Estes dois desafios se aguçam com a devastação impiedosa do meio ambiente, através da destruição das florestas, da exploração dos recursos minerais e das águas, com grande impacto sobre as condições climáticas e edáficas. Mesmo nos países considerados desenvolvidos, como o Canadá e os Estados Unidos, a exploração das florestas de clima temperado para a produção de celulose, de móveis e outras aplicações industriais, provoca a sua destruição e a de encostas e solos que não terão condições de se recompor. O avanço tecnológico no processo de desmatamento tem permitido a maximização da exploração florestal no mundo tropical, acentuando o uso das madeiras “duras”, madeiras de lei, provocando uma desenfreada exploração de florestas na Indonésia, na Malásia, na Tailândia e, mais recentemente, do Brasil. É impressionante, hoje, no Brasil, o processo de destruição da floresta amazônica para a expansão da cultura da soja e de pastagens para a pecuária bovina.

---

<sup>1</sup> Texto apresentado em forma de conferência no Encontro Nacional Geografia 2001, realizado em Aracaju, no ano de 1998, organizado pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), por ocasião da comemoração dos seus 15 anos. Alguns anos depois, foi publicado em forma de capítulo de livro: MENEZES, A. C de; PINTO, J. E. S. de S. (Orgs.). **Geografia 2001**, Aracaju: NPGeo/UFS, 2000, p. 165-171. Agradecemos aos organizadores a autorização para republicação. Igualmente, agradecemos à doutoranda Bruna Leidiane Pereira Santana pela transcrição do original. A revisão e a adaptação ao formato da GeoNordeste foram feitas pelo prof. Dr. José Wellington Carvalho Vilar. Esse texto é uma homenagem ao professor Manuel Correia de Andrade, que muito contribuiu para a consolidação da pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), por ocasião dos 100 anos do seu nascimento. Embora escrito no ano de 1998, o texto mantém uma atualidade impressionante.

<sup>2</sup> Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - (In memoriam).



Quanto à concentração econômica, observa-se a expansão das grandes multinacionais, com a fusão ou compra de empresas menores por grupos mais fortes, a imposição de políticas espoliativas dos países ricos sobre os pobres e a utilização da tecnologia para substituir os trabalhadores por máquina. Este processo estimula a desorganização da legislação trabalhista, o enfraquecimento dos sindicatos e, sobretudo, o desemprego: desemprego que é estimulado, nos países dominados, pelos próprios governos, subservientes ao poder econômico internacional. Não se pode saber até que ponto se vai chegar, uma vez que os excluídos, os desempregados, podem se submeter a processos que maximizam a espoliação, podendo ser comparados aos escravos do passado.

E a mídia, ligada e controlada por grupos econômicos fortes, faz o endeusamento das situações, apresentando o processo de globalização e de exclusão como o resultado do progresso, do desenvolvimento.

## 2 OS GRANDES DESAFIOS DO SÉCULO XXI

O século XXI, do ponto de vista cronológico, aproxima-se, de vez que o 31 de dezembro do ano 2000 está próximo; mas, de fato, como salientamos em livro anterior (1994), ele já começou na ocasião em que houve a queda do muro de Berlim e a desagregação da União Soviética. Terminou, assim, quase bruscamente, a bipolarização do mundo e a luta entre duas concepções de vida, uma que admite que a civilização só realiza com a maximização da concentração do capital e desvalorização do trabalho. A maior eficiência e a maior disponibilidade de recursos permitem o domínio do capitalismo e o fracasso do comunismo (REIS, 1997), o que se deve também ao fato de o socialismo russo haver sido implantado em um país atrasado e gerido sob uma forma autoritária de governo.

A vitória política, econômica e militar do capitalismo consagrou os seus cânones e acentuou a divisão do mundo em países pobres e ricos, atingindo em cheio a soberania dos primeiros. Observa-se uma degradação do poder estatal na América Latina, com a retirada do estado das atividades econômicas, com a mundialização do uso e do poder dos grupos que controlam o narcotráfico, com a formação de um super estado, a União Europeia, e o controle da mesma pelos países centrais, recrudescendo os sentimentos nacionalistas dos povos que vivem na periferia; com o retorno e fortalecimento do fundamentalismo islâmico, no Oriente Médio e Próximo; com a pauperização e o estímulo ao tribalismo, na África Negra; com a desagregação da União Soviética e o risco de desmoronamento da própria Federação Russa; com as perspectivas ainda incertas de grandes países, como a China e a Índia; com o fortalecimento de governos ditatoriais e da violência



em países da Ásia meridional e do Extremo Oriente e, finalmente, com a pulverização geopolítica da Oceania.

Este problema levou os grupos otimistas e as classes dominantes a cantar os novos tempos, aposentando estes problemas como consequência da influência do período histórico anterior e que eles serão resolvidos com o domínio do mercado sobre a economia e a sociedade. Mas, para os estudiosos das questões sociais que conseguem pensar de forma objetiva, a agudização dos problemas amedronta, podendo levar o mundo ao caos, à ingovernabilidade. Pode-se também salientar que, enquanto no século XX se deu ênfase a políticas sociais e de respeito aos direitos humanos, o século XXI, com todo o desenvolvimento tecnológico, pode levar o mundo à barbárie, quer do ponto de vista social quer biológico.

A observação dos fatos e das sociedades nos leva a pensar que o desenvolvimento tecnológico não é inteiramente acompanhado por mudanças mentais, o que desajusta os grupos humanos, de vez que ele quebra uma organização sociocultural com rapidez, mas não produz transformações a curto prazo. E os desajustes provocam, naturalmente, problemas tanto no seio da sociedade como da família.

A falta de entrosamento entre a evolução e a revolução nas mudanças sociais e políticas, exerce grande impacto na sociedade. Assim, a queda do socialismo real na Rússia provocou a desagregação da União Soviética em 15 estados independentes, cuja economia vinha sendo desenvolvida em uma estrutura de complementariedade a equilibrar as relações comerciais entre as mesmas. A desnacionalização da economia e a privatização de empresas, em um país onde não havia uma burguesia organizada, provocam um forte impacto e o desmoronamento econômico, permitindo o controle por gangs de empresas, e desemprego em massa e o empobrecimento da população. E a corrupção tornou-se o agente motor das reformas econômicas.

Da mesma forma que a política soviética não conseguiu destruir na mentalidade russa as tendências centralizadoras e autoritárias, com o processo de ocidentalização de Pedro o Grande, a revolução socialista de 1917 não conseguiu apagar dos dirigentes soviéticos, sobretudo de Stalin, os processos de dominação e controle do poder, vindo do tempo do czarismo, nem as aspirações de dominação de países vizinhos e de acesso aos mares quentes durante todo o ano. Assim, a União Soviética não conseguiu conciliar as suas aspirações de construtora do socialismo com as suas pretensões a grande potência.

A partir deste exemplo, que pode ser apontado com repetições em outras áreas e em escalas menor, podemos imaginar que o reino e a deificação do mercado e do neoliberalismo, vão, com os seus excessos, provocar o surgimento ou o fortalecimento de uma reação neoliberal, que valorize o



homem e a sociedade, colocando-a acima do capital. Toda ação, quando extremada, provoca uma reação.

### **3 A UNIDADE E A DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA: GRANDES TEMAS**

A evolução da sociedade e as transformações que presenciamos atualmente, nos levam a refletir sobre o pensamento geográfico em dias de transições. Pensamentos que apareceu uniforme na primeira metade do século, mas que nos dias em que vivemos toma vários caminhos, várias direções.

Daí as grandes discussões e divergências que atingem o pensamento geográfico brasileiro, nos anos setenta, com correntes que procuravam desenvolver um pensamento ideográfico, aplicando métodos matemáticos e estatísticos nos estudos urbanos, agrários e regionais, simpáticos ao governo militar e autoritário. Desejavam realizar uma política desenvolvimentista, alienada dos problemas ecológicos e sociais enfrentando uma corrente, dita crítica, que ora estava ligada ao pensamento neopositivista, ora ao pensamento marxista. Nesta linha, encontrava-se um grupo que procurava desenvolver um marxismo acadêmico, ligado a linhas que o identificam como doutrina, acompanhado ao pensamento soviético e chinês, e uma outra, em linha divulgada no país por Caio Prado Júnior (1968), que usava o marxismo mais como um método do que como uma doutrina.

Estas divergências, seguidas de outras, ora ligadas ao ecologismo e à análise do meio ambiente, ora ligadas a paradigmas neopositivistas e/ou ligados a problemas de percepção, contribuíram para o desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil e para o enriquecimento da geografia, como ciência: habilitaram os geógrafos a uma visão mais ampla da realidade e a procurarem opções mais amplas para as suas conjecturas e formulações científicas.

### **4 FILOSOFIA DA GEOGRAFIA OU GEOGRAFIA DA FILOSOFIA**

O neopositivismo e o marxismo comprometeram em linhas diversas os geógrafos com a reflexão filosófica e os levaram a leituras mais amplas em áreas como a literatura e as ciências sociais e históricas. Romancistas como preocupações e inclinações regionais, como José Lins do Rego, com o ciclo da cana de açúcar, Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz, voltados para o problema das secas, Érico Veríssimo, com a formação histórica do Rio Grande do Sul, Jorge Amado, com o mundo do cacau e a vivência urbana em Salvador, Guimarães Rosas com o sertão mineiro do São Francisco e Ariano Suassuna com os problemas culturais do Sertão nordestino, passaram a ser objeto de reflexão e estudos de geógrafos brasileiros, como Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, Oswaldo Amorim Filho e Livia de Oliveira. Na realidade, estes autores ao



retrataram o meio em que viviam os seus personagens, davam uma visão do próprio meio geográfico.

Maior identificação é encontrada em cientistas sociais, como em Gilberto Freyre, sobretudo no livro *Nordeste*, onde identifica a intimidade entre os homens e o meio – as águas, os solos, a mata e os animais -; em Caio Prado Júnior onde, em *Formação do Brasil Contemporâneo*, caracteriza o Brasil como um produto do capitalismo comercial, caracterizado também a existência de um velho e um novo colonialismo; de Celso Furtado com a caracterização da “plantation” açucareira como um empreendimento como grande emprego do fator capital, portanto capitalista. Linhas de grande interesse geográfico também são encontradas em livros de Raimundo Faoro, Florestan Fernandes, Josué de Castro, Fernando Henrique Cardoso, José de Souza Martins, Octávio Ianni, Francisco Oliveira e numerosos outros.

Admitimos que existe atualmente uma grande tendência a reflexão geográfica em duas áreas específicas: uma ligada ao meio ambiente e outra à geopolítica, sem minimizarmos interesses importantes na faixa da geografia agrária, da geografia urbana e da geografia regional. Áreas que estão, naturalmente, interligadas com as duas que priorizamos.

Quanto a primeira, constatamos que o homem começa a se preocupar tanto com o esgotamento dos recursos naturais como a degradação do meio em que vive, dando margens a uma grande preocupação ecológica. Os geógrafos ao examinarem o meio natural devem levar em conta que o mesmo é objeto de estudo de especialistas diversos, - biólogos, geólogos, engenheiros, juristas, sociólogos, etc. – e procurar se integrar em grupos interdisciplinares, se mais objetivos. Devem ainda lembrar que, como cientistas, eles não podem alimentar uma posição ideológica extremista, alienada da realidade, como ocorre com numerosos ecologistas, que se apresentam de forma quase religiosa, posicionando-se como defensores de uma natureza intocada a ser preservada. Isto porque, a natureza fornece recursos que o homem necessita utilizar, desde que o faça racionalmente, e que ela própria esteja permanentemente sujeita a um processo de renovação. Assim, o geógrafo pode e deve se aproximar ao máximo da ecologia, mas fugir de um maior compromisso com o ecologismo.

O geógrafo não pode ser um homem não comprometido, ligado apenas à reflexão, ele deve participar da ação, tanto contribuindo para a educação ecológica como contribuindo para fortalecer o Estado e as empresas em ações que preservem a natureza ou que a explorem, evitando o esgotamento dos recursos naturais ou impedindo a degradação do meio ambiente.



Quanto à corrente geopolítica, cabe ao geógrafo procurar caracterizar a importância do território em cada estado, o estímulo à formação de regiões e à estabilidade ou instabilidade das fronteiras.

São problemas aguçados nos dias de hoje em que o processo de globalização vem estimulando a expansão geoeconômica das grandes potências, a formação de uniões entre países e a dominação dos países pequenos e menos desenvolvidos. Assim, para exemplificar, temos que admitir que vivemos um momento de unipolaridade, com o domínio norte-americano por toda a superfície da Terra, mas este domínio é contestado por uma multipolaridade, diferente da que ocorreu durante a Guerra Fria, e que é representada pela formação de conjuntos regionais, como a China e a Índia. Na própria América, observamos a formação da NAFTA, reunindo os países vizinhos dos Estados Unidos, e o Mercosul, no extremo sul do continente que, possivelmente, serão sufocados pela ALCA.

Há também reações fortes de grupos em formação, como o Islâmico, e desagregações como a que ocorre nos Balcãs e no Cáucaso. Desagregações que afetam diretamente os interesses alemães, no primeiro caso, e russos e turcos, no segundo.

Assim, há o despertar de interesses em menor escala como a da integração de regiões, provocando transformações regionais dentro de países, com a superposição de fronteiras econômicas e políticas e, em casos extremos, a de movimento separatistas como o que desagrega a Iugoslávia, com a substituição de uma federação por cinco repúblicas – se o Kosovo não se tornar independente – ou da federação russa, com as revoltas de povos de religião muçulmana na Chechênia, no Daguestão, e da Geórgia com as revoltas na Ossétia e na Abecásia.

É possível, no momento em que vivemos, a efetivação de países organizados como estados federais, nos quais os estados membros ou as regiões, se harmonizem através de organizações que as unifiquem em um estado onde as características étnicas e culturais sejam respeitadas. Provavelmente, o Canadá e a Austrália podem ser utilizados como exemplo a serem seguidos e adaptados, ao contrário do que ocorre em federações em que um estado mais rico se torna tão poderoso que, praticamente, tutela os demais estados federados ou confederados.

### Referências

- ANDRADE, M. C. de. **Uma geografia para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1994.
- PRADO JÚNIOR, C.. **A revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- REIS, D. P. de A.. **Uma revolução perdida**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.